



J. R. R. TOLKIEN:

NEM TODOS  
OS QUE VA-  
GAM ESTÃO  
PERDIDOS.



## NESTA EDIÇÃO

O escritor da “Terra Média”	1
Editorial	2
Nossa Gramática	2
Tolstói	3
Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski	4
O objeto do futuro	5
O Idiota, de Dostoiévski	6
Décadas Atrás!	7
O Médico e o Monstro	8

## O ESCRITOR DA “TERRA MÉDIA”

John Ronald Reuel Tolkien (1892–1973) foi um escritor, filólogo e professor britânico, mundialmente reconhecido como o criador do universo fantástico da Terra Média, retratado em obras como *O Hobbit* (1937), *O Senhor dos Anéis* (1954–1955) e *O Silmarillion* (1977, publicado postumamente). Sua habilidade em construir mundos detalhados e mitologias complexas estabeleceu as bases da literatura de fantasia moderna.

Nascido na África do Sul, Tolkien perdeu os pais ainda jovem e foi criado na Inglaterra. Desde cedo demonstrou talento para línguas, o que mais tarde o levou a estudar Filologia em Oxford. Durante a Primeira Guerra Mundial, serviu como oficial e enfrentou as adversidades da Batalha do Somme, uma experiência que influenciou sua obra, especialmente na retratação do heroísmo, da perda e da camaradagem.

Tolkien tornou-se professor de Anglo-Saxão na Universidade de Oxford, onde desempenhou um papel importante na preservação de textos medievais, como *Beowulf*. Sua paixão por mitologias e linguagens levou-o a criar idiomas próprios, como o élfico Quenya e Sindarin, que serviram de base para o rico universo de sua ficção.

Seu legado literário teve impacto global, alcançando sucesso tanto crítico quanto comercial. O *Senhor dos Anéis* foi inicialmente recebido com cautela, mas logo se tornou um fenômeno cultural, celebrando temas como amizade, sacrifício e a luta contra o mal. A obra foi adaptada para cinema em uma trilogia aclamada por Peter Jackson, amplificando ainda mais sua popularidade.



Tolkien também era um homem profundamente religioso, influenciado pelo catolicismo, que permeia os valores e simbolismos de sua escrita. Apesar da fama, ele preferia uma vida privada, dedicando-se à família e ao trabalho acadêmico. Após sua morte, seu filho Christopher

Tolkien continuou a editar e publicar suas obras inacabadas.

Reconhecido como um dos maiores escritores do século XX, Tolkien não apenas encantou gerações de leitores, mas também redefiniu os limites da imaginação literária. Seu trabalho permanece como um marco na narrativa fantástica e no estudo da natureza humana por meio de mitos..

Klaus Tolst  
tolst.klaus@hotmail.com

# EDITORIAL

Caríssimo leitor.

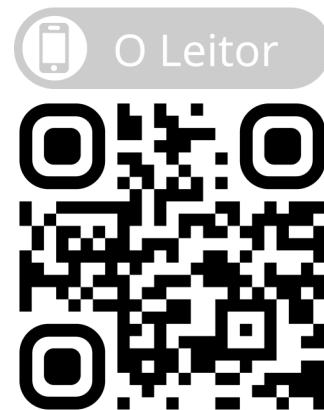
A edição especial deste mês está imperdível! Mergulhe em um universo de criatividade, reflexão e genialidade com os destaques literários que moldaram o pensamento humano e enriqueceram a literatura universal. Acompanhe artigos, análises e curiosidades sobre esses grandes escritores que moldaram a literatura mundial. Descubra como suas obras transcendem o tempo e continuam impactando leitores ao redor do mundo.

Mas de quem estamos falando? Do criador genial do mundo da Terra Média; do profundo e impactante escritor de Ivan Illitch; do gigante pensador e escritor de Crime e Castigo; e do impressionante navegador da alma humana e escritor de A Ilha Mis-

teriosa. Juntos estes escritores, Tolkien, Tolstói, Dostoiévski e Stevenson, nos dão uma amostra da grandiosidade do gênio humano quando existe além de talento, dedicação e observação do que existe ao nosso redor.

Cada obra destes escritores traz um riquíssimo tesouro ao leitor, que pode descobrir o infinito que a leitura traz à vida humana junto de nossa imaginação.

*Editor*



## **G** Nossa Gramática **Uso do S e Z**

O emprego das letras S e Z pode levantar uma série de dúvidas. Isso acontece principalmente porque há palavras que são escritas com S mas tem som de Z.

Para te ajudar nisso, o Toda Matéria tem para você as regras, seguidas de exemplos e exercícios. Vamos começar?

Quando usar S

1. Nas palavras derivadas de outra que seja escrita com S.

Exemplos:

asinha - asa

atraso - atrasar

frasal - frase

2. Nas palavras cujos sufixos indiquem nacionalidade, origem ou título (-ês, -esa), adjetivo (-ense, -oso, -osa) ou ocupação feminina (-isa).

Exemplos:

português, portuguesa

camponês, camponesa

3. Depois de ditongo.

Exemplos:

coisa

maisena

4. Nas palavras que decorrem da conjugação dos verbos pôr e querer.

Exemplos:

Eu pus.

Se eu pusesse.

Quando usar Z

1. Nas palavras derivadas de outra que seja escrita com Z.

Exemplos:

deslize - deslizar

enraizado - raiz

2. Nas palavras cujos sufixos -ez, -eza formem substantivos abstratos a partir de adjetivos.

Exemplos:

sensatez

dureza

3. Nas palavras cujo sufixo -izar forme verbos.

Exemplos:

atualizar

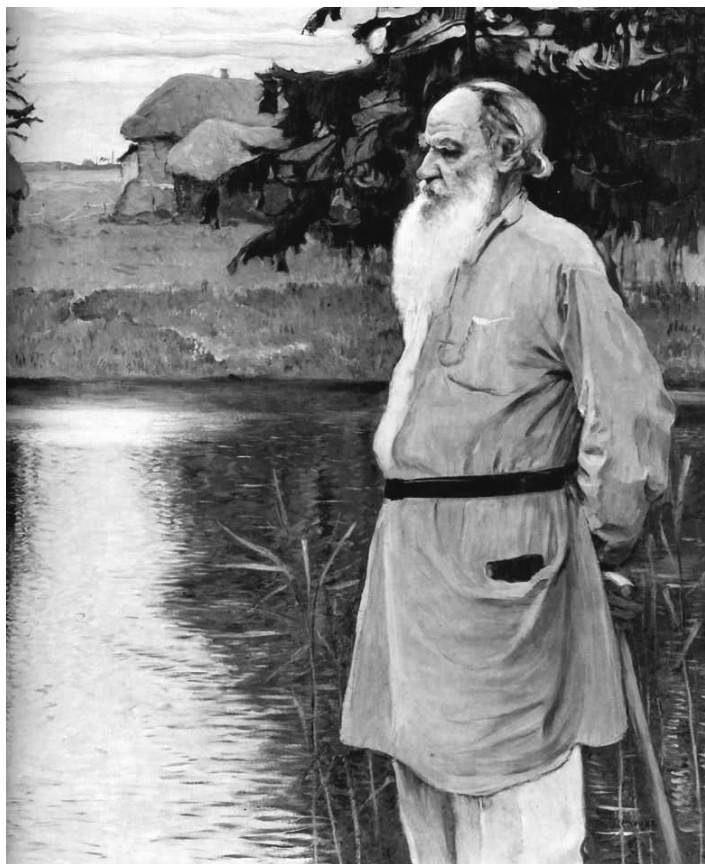
canalizar

4. Nas palavras cujo sufixo -ização forme substantivos.

Exemplos:

Atualização / colonização / modernização

Lev Nikolaevitch Tolstói (1828–1910) foi um dos maiores escritores russos e uma figura central na literatura mundial, conhecido por obras-primas como *Guerra e Paz* (1869) e *Anna Kariênina* (1877). Suas narrativas profundas exploram questões universais de moralidade, amor, fé e a condição humana, marcando-o como um dos mais influentes romancistas de todos os tempos.



Nascido em uma família aristocrática em Yasnaya Polyana, uma propriedade rural na Rússia, Tolstói enfrentou a perda precoce dos pais, o que moldou sua visão introspectiva e melancólica. Ele estudou em Kazan, mas abandonou a universidade, preferindo uma vida de busca

## TOLSTÓI, UM DOS MAIORES ESCRITORES RUSSOS

autodidata por conhecimento e significado. Durante sua juventude, viveu de forma hedonista, mas também participou da guerra na Crimeia, experiência que influenciou profundamente sua visão de vida e obra.

Tolstói alcançou reconhecimento literário ainda jovem, com a publicação da trilogia semiautobiográfica *Infância, Adolescência e Juventude*. No entanto, foi com *Guerra e Paz* que consolidou sua reputação como um gênio literário. Misturando ficção e filosofia, a obra narra os impactos das Guerras Napoleônicas sobre a aristocracia russa, combinando personagens fictícios e históricos em um épico sobre a exis-

tência humana e o destino.

Nos anos seguintes, Tolstói escreveu *Anna Kariênina*, uma análise da sociedade russa e das complexidades das relações humanas, especialmente do casamento, da infidelidade e do conflito entre o desejo pessoal e as normas soci-

ais. Essa obra é frequentemente considerada um dos maiores romances já escritos.

Apesar de sua fama, Tolstói enfrentou crises existenciais profundas, que o levaram a rejeitar a religião organizada, os privilégios da nobreza e a propriedade privada. Ele passou a defender uma vida simples e ética, influenciada por princípios cristãos e pacifistas, o que culminou em textos como *Confissão* (1882) e *O Reino de Deus Está em Vós* (1894). Suas ideias inspiraram movimentos como o pacifismo e a resistência não violenta, influenciando figuras como Mahatma Gandhi.

Nos últimos anos de vida, Tolstói rompeu com sua família, em especial com sua esposa Sofia, devido a conflitos sobre suas crenças e patrimônio. Em 1910, ele fugiu de casa em busca de paz, mas adoeceu e morreu em uma estação de trem. Seu funeral atraiu milhares, evidenciando seu impacto como escritor e pensador.

Tolstói permanece uma figura atemporal, cujas obras e ideias continuam a provocar reflexões sobre moralidade, sociedade e o significado da vida.

Pedro Dóxil

[pedrodoxil.oleitor@gmail.com](mailto:pedrodoxil.oleitor@gmail.com)



Apoio e divulgação:

**VALMI**

Projetos G. e C.

[fb.com/valmi.projetos](https://fb.com/valmi.projetos)

[Instagram.com/valmi.pgc](https://Instagram.com/valmi.pgc)



Organização:

**Societas Libri**

Sociedade de Literatura

[twitter.com/LibriSocietas](https://twitter.com/LibriSocietas)

[Instagram.com/Societas.Libri](https://Instagram.com/Societas.Libri)

Seja um patrocinador desta iniciativa cultural. Entre em contato conosco pelo e-mail:

[oleitor.info@gmail.com](mailto:oleitor.info@gmail.com)

Ou faça a assinatura mensal pelo link [www.oleitor.info/assinatura](http://www.oleitor.info/assinatura)

# FIÓDOR MIKHAILOVITCH DOSTOIÉVSKI

Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski (1821–1881) é amplamente reconhecido como um dos mais profundos e intelectualmente complexos escritores da literatura universal. Suas obras não apenas retratam a natureza humana em toda a sua complexidade, mas também oferecem uma investigação filosófica e psicológica pioneira, abordando questões que continuam a ressoar no pensamento moderno.

Nascido em Moscou, Dostoiévski cresceu em um ambiente que combinava severidade e religiosidade, o que moldou sua sensibilidade e reflexão desde cedo. A experiência na infância com o sofrimento das classes mais pobres, especialmente nos arredores do hospital onde seu pai trabalhava, e a violência doméstica marcaram profunda-

mente sua visão sobre desigualdade e injustiça, temas que perpassam suas obras. Desde jovem, demonstrou um talento incomum para compreender as contradições humanas, o que viria a ser um dos traços definidores de sua literatura.

Sua estreia literária com *Gente Pobre* (1846) foi saudada como um retrato comovente das dificuldades dos humildes, destacando-o como um observador aguçado da sociedade russa. Contudo, foi após seu retorno de um período devastador de prisão e exílio na Sibéria, condenado por atividades consideradas subversivas, que Dostoiévski passou a incorporar uma visão ainda mais profunda e multifacetada sobre a condição humana em seus textos. Esse período o aproximou da fé cristã ortodoxa e o fez compreender o sofrimento não apenas como punição, mas como

um caminho de redenção e autoconhecimento, conceitos centrais em sua obra.

A partir da década de 1860, Dostoiévski consolidou sua posição como um gigante intelectual. *Crime e Castigo* (1866), um de seus romances mais emblemáticos, não é apenas uma história sobre assassinato, mas uma reflexão densa sobre moralidade, liberdade

e as consequências desastrosas do radicalismo político e da rejeição dos valores espirituais.

Sua obra-prima final, *Os Irmãos Karamázov* (1880), é considerada um tratado filosófico e teológico disfarçado de romance. Explorando temas como a existência de Deus, o livre-arbítrio e o problema do mal, Dostoiévski conduz um diálogo intelectual entre fé e

razão. O livro apresenta personagens arquetípicos – Aliócha, o devoto; Ivan, o intelectual atormentado; e Dmitri, o impulsivo – para abordar os dilemas morais mais profundos da humanidade.

Além de suas realizações literárias, Dostoiévski foi um pensador que antecipou questões centrais do existencialismo e da psicologia moderna.

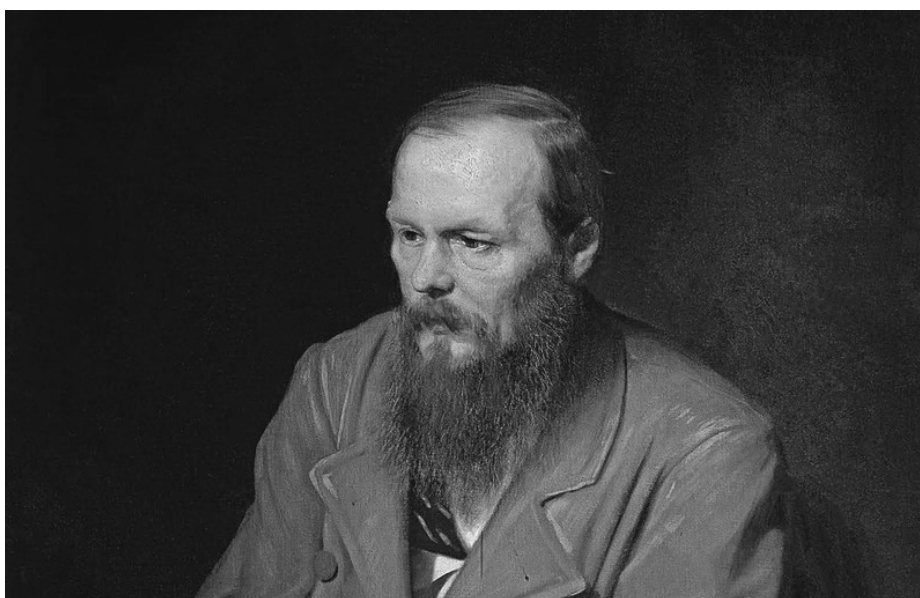
e as consequências devastadoras do pensamento utilitarista. O protagonista, Raskólnikov, é um estudante que acredita na superioridade de certas pessoas, uma ideia que Dostoiévski desconstrói com maestria, mostrando como a tentativa de transcender a moralidade tradicional pode levar à destruição emocional e espiritual.

Em *O Idiota* (1869), Dostoiévski constrói o príncipe Míchkin como um "Cristo moderno", cuja pureza e bondade colidem com o cinismo e a corrupção da sociedade. Este romance é uma análise filosófica sobre a incapacidade da bondade absoluta de sobreviver em um mundo repleto de egoísmo e crueldade. Já em *Os Demônios* (1872), o autor realiza uma crítica contundente ao niilismo e às ideias revolucionárias que floresciam na Rússia do século XIX, prevendo as consequên-

Seus romances dialogam com a filosofia europeia, especialmente as ideias de Friedrich Nietzsche e Søren Kierkegaard, explorando temas como niilismo, liberdade e o peso da escolha individual. A análise psicológica detalhada de seus personagens, marcada por conflitos internos, remorso e epifanias espirituais, tornou-o um precursor de figuras como Sigmund Freud e Carl Jung.

Dostoiévski é mais do que um escritor; ele é um pensador cuja literatura transcende seu tempo. Sua capacidade de integrar narrativas envolventes com discussões filosóficas complexas o consagra como um dos intelectuais mais brilhantes da história, cujas obras continuam a desafiar, iluminar e inspirar leitores e estudiosos ao redor do mundo.

Grazia Romano





## O OBJETO DO FUTURO

Em uma tarde nublada, Lucas, um jovem curioso e introspectivo, passeava pela feira de antiguidades da cidade, um de seus refúgios favoritos. Entre quinquilharias e objetos sem dono, uma pequena caixa de madeira, envelhecida pelo tempo, chamou sua atenção. O vendedor, um senhor de olhos profundos e voz rouca, observou o interesse de Lucas e, com um sorriso enigmático, disse:

— Essa caixa só mostra o que você está pronto para ver.

Intrigado, Lucas não resistiu. Comprou a caixa e correu para casa, sentindo um misto de ansiedade e fascínio. Em seu quarto, trancado e longe de qualquer distração, abriu o objeto. Dentro havia um espelho de cristal, pequeno e opaco. Decepcionado à primeira vista, ele o pegou com cuidado, tentando entender o que o tornava especial.

No momento em que olhou diretamente para o espelho, algo aconteceu. O reflexo se distorceu, e uma visão de si mesmo, mais velho e com feições endurecidas, apareceu. Lucas viu-se caminhando por uma estrada deserta, com roupas surradas e um semblante de cansaço. Ele tentava gritar, mas nenhum som saía.

Assustado, Lucas desviou o olhar, tentando afastar aquela imagem perturbadora. No entanto, a curiosidade

o impelia a tentar novamente. Novamente, o reflexo mostrou o futuro, mas desta vez ele estava em uma sala luxuosa, rodeado de pessoas que aparentavam respeitá-lo. Contudo, seus olhos, profundos e frios, refletiam uma tristeza que destoava do ambiente ao redor. Lucas sentiu um aperto no peito ao perceber a solidão impregnada em seu olhar futuro.

A partir daquela noite, Lucas não conseguia parar de pensar nas visões. A cada dia, a tentação de espiar o espelho aumentava, e, com o tempo, o objeto começou a revelar fragmentos mais detalhados de seu futuro. Ele viu-se rodeado de conquistas e dinheiro, mas sempre com um vazio que não conseguia preencher. Às vezes, aparecia sozinho em um apartamento elegante, outras, cercado de amigos que, no fundo, pareciam apenas sombras.

Obcecado, Lucas começou a tomar decisões para evitar o destino que o espelho mostrava. Recusou propostas de emprego, afastou-se de amizades, e até rejeitou amores que poderiam prendê-lo a uma vida solitária. Contudo, a cada mudança, o espelho se ajustava, mostrando uma versão futura ligeiramente diferente, mas sempre carregada de melancolia.

Meses se passaram, e Lucas, consumido pela ânsia de evitar o futuro, afastou-se da vida presente.

Seu desempenho acadêmico caiu, amizades esfriaram, e ele se tornou uma figura solitária e paranoica. Uma noite, ao olhar mais uma vez no espelho, viu algo inesperado: o reflexo mostrava um quarto escuro e uma figura de olhos vazios – era ele, envelhecido e só, em um ambiente triste e desolado.

Nesse momento, Lucas entendeu. O futuro que tentava evitar era exatamente o futuro que estava criando com sua obsessão. O espelho, uma metáfora cruel, mostrava não o inevitável, mas a forma como seus medos e decisões atuais o guiavam.

Em um último ato de lucidez, Lucas fechou a caixa e decidiu guardá-la onde jamais a encontraria. Voltou-se para a vida com uma nova perspectiva, determinado a construir o futuro não por medo, mas pelo presente.

Anônimo

Todos os escritores que nos enviam seus textos podem escolher revelar o nome verdadeiro, deixá-lo em anonimato ou publicar um pseudônimo (Pseudônimo ou pseudônimo, é um nome fictício usado por um indivíduo como alternativa ao seu nome real).

Patrocinadores

*Conheça o site oficial do professor Valderi da Silva*

[www.valderi.com.br](http://www.valderi.com.br)

Acesse—Leia—Seja Membro—Compartilhe

Siga no Instagram a página Valmi Projetos Gráficos e Comunicação

[www.instagram.com/valmi.pgc](https://www.instagram.com/valmi.pgc)

Acesse—Leia—Siga—Compartilhe

Siga no Instagram a página O Leitor-Informativo Literário

[www.instagram.com/\\_oleitoroficial](https://www.instagram.com/_oleitoroficial)

Acesse—Leia—Siga—Compartilhe

# O IDIOTA, DE DOSTOIÉVSKI

Publicado em 1869, *O Idiota* é uma das obras mais complexas e filosóficas de Fiódor Dostoiévski, sendo uma análise profunda do comportamento humano em suas virtudes e falhas. O romance explora a bondade, a inocência, a hipocrisia e o conflito entre os ideais de pureza e as duras realidades da sociedade. Com uma narrativa que combina drama psicológico e filosofia existencial, Dostoiévski cria uma história que continua fascinando leitores e estudiosos por sua profundidade.

No centro da obra está o príncipe Liév Nikoláievitch Míchkin, frequentemente referido como "idiota" pela sociedade que o cerca. Apesar disso, Míchkin é uma figura profundamente virtuosa, comparada por Dostoiévski a um Cristo moderno. Sua bondade, sinceridade e incapacidade de manipular ou enganar os outros o destacam em uma sociedade dominada por interesses egoístas e valores materialistas.

Míchkin retorna à Rússia após um longo período de tratamento para epilepsia na Suíça. Ele é recebido com desconfiança, pois sua pureza e empatia parecem anormais e até perturbadoras para aqueles que o cercam. Dostoiévski usa essa figura para explorar como a sociedade rejeita e marginaliza a verdadeira bondade, enxergando-a como fraqueza ou ingenuidade.

Outro aspecto central da obra é o triângulo emocional entre Míchkin, Nastasya Filíppovna e Parfión Rogójin. Nastasya é uma mulher marcada por traumas e humilhações, representando a destruição emocional causada por uma sociedade patriarcal e opressiva. Ela se sente atraída tanto pela compaixão genuína de Míchkin quanto pela paixão avassaladora de Rogójin, um homem intenso e possessivo. Esse conflito amoroso reflete a luta entre a redenção e a autodestruição.

A relação de Míchkin com Nastasya destaca sua incapacidade de salvar aqueles que estão profundamente feridos por suas próprias tragédias. Por mais que ele ofereça empatia e compreensão, Nastasya é incapaz de aceitar o amor puro que Míchkin oferece, preferindo o caminho tumultuado representado por Rogójin. Essa dinâmica expõe o quanto o comportamento humano é moldado por traumas e pela percep-

ção de valor próprio.

Dostoiévski também utiliza os personagens secundários para criticar a hipocrisia da aristocracia russa. A busca incessante por status social, riqueza e poder contrasta fortemente com a simplicidade e honestidade de Míchkin. Ele se torna uma figura desajustada nesse ambiente, incapaz de participar dos jogos sociais e das intrigas que definem as interações dos demais.

Ao apresentar Míchkin como um espelho moral, Dostoiévski força os outros personagens – e os leitores – a confrontar suas próprias falhas éticas. Muitos veem a bondade de Míchkin como uma ameaça, enquanto outros tentam explorá-la para seus próprios benefícios.

A condição epiléptica de Míchkin, baseada na experiência pessoal de Dostoiévski, desempenha um papel simbólico importante. As crises do príncipe são descritas como momentos de transcendência, em que ele se aproxima de uma verdade espiritual ou de um estado de perfeição. Isso reforça a ideia de que Míchkin, embora frágil fisicamente, possui uma clareza moral que os outros não conseguem alcançar.



*O Idiota* é uma tragédia que desafia a ideia de que a bondade incondicional pode triunfar em um mundo imperfeito. O fracasso de Míchkin em transformar aqueles ao seu redor ou encontrar felicidade pessoal demonstra o quanto o comportamento humano é resistente à mudança e frequentemente movido por paixões destrutivas e interesses

egoístas.

Dostoiévski cria um retrato magistral da luta entre idealismo e realidade, explorando como o bem absoluto, representado por Míchkin, é mal compreendido e rejeitado. *O Idiota* não apenas investiga o comportamento humano, mas também desafia o leitor a refletir sobre sua própria capacidade de aceitar ou rejeitar a bondade em um mundo imperfeito.

Valderi da Silva

[valderi@valderi.com.br](mailto:valderi@valderi.com.br)





# DÉCADAS ATRÁS!

B I O G R A F I A

Robert Louis Stevenson (1850–1894) foi um escritor, poeta e ensaísta escocês, reconhecido por suas contribuições à literatura de aventura e fantasia. Suas obras, como *A Ilha do Tesouro* (1883) e *O Médico e o Monstro* (1886), marcaram profundamente o imaginário literário, tornando-o um dos autores mais populares e influentes do século XIX.

Stevenson nasceu em Edimburgo, Escócia, em uma família de engenheiros especializados em faróis. Apesar das expectativas familiares de que seguisse a mesma carreira, ele foi atraído pela literatura desde cedo. Sua saúde frágil, marcada por doenças respiratórias, moldou sua vida e obra. A busca por climas mais amenos levou-o a viajar extensivamente, experiências que enriqueceram suas narrativas.

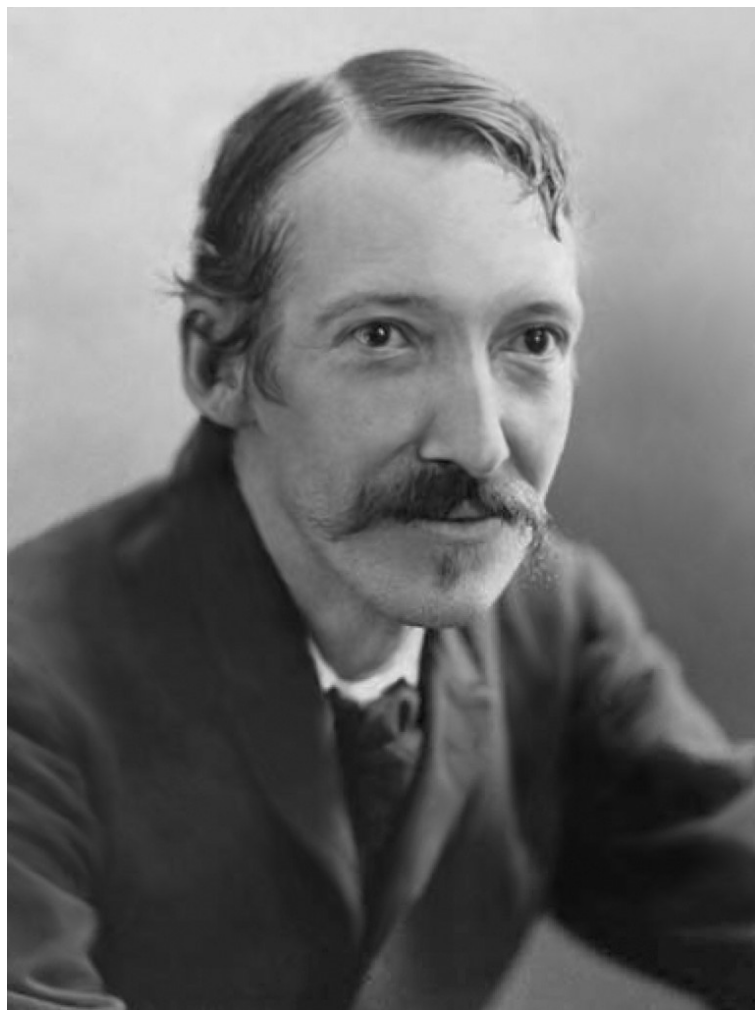
Stevenson estudou Direito na Universidade de Edimburgo, mas nunca exerceu a profissão, dedicando-se à escrita. Seus primeiros trabalhos incluíram ensaios e relatos de viagem, como *An Inland Voyage* (1878) e *Travels with a Donkey in the Cévennes* (1879), que já demonstravam sua habilidade para descrever ambientes e personagens com vivacidade e humor.

Seu reconhecimento veio com *A Ilha do Tesouro*, uma das obras mais icônicas da literatura de aventura. O romance, protagonizado pelo jovem Jim Hawkins, explora temas como coragem, traição e a busca por riquezas, e introduziu figuras memoráveis como Long John Silver. A narrativa acessível e empolgante tornou-se um clássico, popular tanto entre jovens quanto entre adultos.

Poucos anos depois, Stevenson publicou *O Médico e o Monstro*, uma obra que transcende o gênero de suspense e explora a dualidade da natureza humana. A história de Dr. Jekyll e seu alter ego, Mr. Hyde, é uma metáfora profunda sobre moralidade, repressão e as forças conflitantes dentro de cada indivíduo. O romance é considerado uma das melhores alegorias psicológicas da literatura ocidental.

Outras obras importantes incluem *Raptado* (1886), um romance histórico ambientado na Escócia, e *O Senhor de Ballantrae* (1889), que reflete seu interesse pelas complexidades da rivalidade familiar e da política. Seus contos e poemas também destacam sua versatilidade como escritor.

No final de sua vida, Stevenson mudou-se para Samoa, na Polinésia, em busca de um clima mais



saudável. Ele se estabeleceu na ilha de Upolu, onde ganhou o respeito dos habitantes locais, que o chamavam de Tusitala ("o contador de histórias"). Em Samoa, continuou a escrever até sua morte precoce, aos 44 anos, devido a uma hemorragia cerebral.

O legado de Robert Louis Stevenson permanece vivo, tanto em suas histórias que definem o gênero de aventura quanto em sua capacidade de explorar os aspectos mais profundos e sombrios da condição humana. Suas obras continuam a cativar leitores e inspirar adaptações no cinema, teatro e outras mídias, mantendo sua relevância no panorama literário global.

Valderi da Silva

valderi@valderi.com.br



Apoio e divulgação:

**VALMI**

Projetos G. e C.

fb.com/valmi.projetos

Instagram.com/valmi.pgc



Organização:

**Societas Libri**

Sociedade de Literatura

twitter.com/LibriSocietas

Instagram.com/Societas.Libri

Seja um patrocinador desta iniciativa cultural. Entre em contato conosco pelo e-mail:

**oleitor.info@gmail.com**

Ou faça a assinatura mensal pelo link [www.oleitor.info/assinatura](http://www.oleitor.info/assinatura)



## DÉCADAS ATRÁS! O MÉDICO E O MONSTRO

Publicado em 1886, *O Médico e o Monstro* (Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde) é uma das obras mais emblemáticas de Robert Louis Stevenson e um marco da literatura de horror psicológico. O romance transcende o gênero de suspense e explora questões universais sobre a dualidade humana, moralidade, repressão e os limites da ciência. A narrativa densa e compacta – a obra é essencialmente uma novela – tornou-a uma das histórias mais adaptadas e debatidas da literatura ocidental.

### Contexto e Estrutura Narrativa

Ambientado na Londres vitoriana, *O Médico e o Monstro* reflete as ansiedades culturais de sua época, especialmente em relação à moralidade rígida e à repressão dos desejos. A sociedade vitoriana era marcada por um forte contraste entre o exterior respeitável e as práticas ocultas ou censuráveis, temas que Stevenson captura magistralmente na história.

A narrativa é estruturada de forma fragmentada, alternando entre as perspectivas de diferentes personagens e culminando com o relato do próprio Dr. Jekyll. Essa escolha narrativa não apenas cria suspense, mas também reflete a complexidade do próprio conflito interno de Jekyll.

### A Dualidade Humana

O tema central do romance é a dualidade da natureza humana. Dr. Jekyll, um respeitável médico e cientista, acredita que o homem possui dois lados distintos: um moral e outro amoral. Para separar essas partes, ele desenvolve uma fórmula que transforma seu lado "maligno" em uma entidade separada: Mr. Hyde. Hyde representa a manifestação pura dos impulsos egoístas, violentos e destrutivos que Jekyll reprime.

Essa dualidade não apenas reflete o conflito interno de Jekyll, mas também questiona se é possível separar completamente o bem do mal dentro de um indivíduo. A transformação em Hyde, que inicialmente parece um experimento controlado, torna-se incontrolável, simbolizando como a indulgência nos desejos sombrios pode dominar a psique.

### Crítica à Sociedade Vitoriana

A obra também funciona como uma crítica à sociedade vitoriana e sua hipocrisia. Enquanto a moralidade pública exaltava virtudes como autocontrole e decoro, havia uma repressão intensa dos desejos individuais, especialmente os de natureza sexual ou violenta. Hyde não apenas en-



carna os impulsos proibidos, mas também a liberdade de agir sem o julgamento da sociedade. No entanto, essa liberdade tem um custo terrível, mostrando as consequências destrutivas da repressão e do desequilíbrio.

### Ciência e Ética

Outro aspecto relevante é a crítica ao avanço científico desenfreado. Jekyll representa o cientista que ultrapassa os limites éticos em busca de conhecimento e poder. Sua transformação em Hyde é também uma metáfora para os perigos de manipular a natureza humana sem considerar as consequências morais e espirituais. Stevenson antecipa debates que ainda são relevantes na ciência moderna, como os dilemas éticos relacionados à biotecnologia e à manipulação genética.

### Simbolismo

Os elementos simbólicos permeiam a narrativa. A Londres nebulosa, com suas ruas sombrias e becos ocultos, simboliza o estado psicológico de Jekyll e os mistérios da mente humana. Hyde, descrito como fisicamente repulsivo e de aparência animalesca, representa a degradação moral e a selvageria que coexistem com a civilização. A poção usada para a transformação é o catalisador que revela, mas não cria, o lado obscuro de Jekyll, sugerindo que o mal já existia dentro dele.

### Um Retrato Atemporal da Condição Humana

*O Médico e o Monstro* é mais do que uma história de horror; é uma exploração filosófica e psicológica da luta entre o bem e o mal dentro de cada indivíduo. Stevenson nos lembra que a tentativa de suprimir ou negar uma parte de nossa natureza pode levar a consequências devastadoras, tanto para o indivíduo quanto para a sociedade.

A atemporalidade da obra reside em sua capacidade de falar diretamente aos dilemas humanos universais: o desejo de liberdade contra as amarras da moralidade, a luta para reconciliar nossos impulsos conflitantes e o impacto de nossas escolhas. *O Médico e o Monstro* permanece um estudo poderoso da psique humana, desafiando-nos a encarar nossos próprios "monstros" interiores.

Valderi da Silva

valderi@valderi.com.br

